Decolodrinial: Do colonial ao decolonial nas histórias em quadrinhos sobre a África

Edson Wilson Mendes de Almeida[1]

Resumo: As histórias em quadrinhos modernas nasceram nos jornais no final do século XIX, em uma forma de ganhar mais público. Seu formato eram apenas tiras com três ou quatro quadros por história. O termo *comics* (cômico) foi dado as histórias, devido ao seu tema mais recorrente, porém muitas narrativas abordavam aventuras de personagens fortes e determinados em combater o mal. Na Europa os jornais também lançavam suas aventuras em quadrinhos, mas diferente dos Estados Unidos, colocavam histórias de algumas páginas para deleite do leitor. O continente africano foi abordado nos dois lados do Atlântico, de forma temporal. Nos anos de 1960, em meio a lutas por direitos civis, mais uma vez a África é lembrada pelas editoras estadunidense, com uma visão menos preconceituosa, porém, ainda longe do que ocorria no distante continente. No início do século XXI, uma autora africana lança uma obra na França relatando seus dias em sua terra, Costa do Marfim. Nestas obras, começamos na colonização europeia e terminamos nas conquistas das mulheres nos quadrinhos.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos – África – Colonização – Decolonialidade

Introdução

"Nach Afrika kommt Santa Claus"
(Papai Noel está indo para a África)
Rammstein – Amerika

As histórias em quadrinhos (HQ) nos Estados Unidos da América (EUA) começaram apareceram nos jornais por volta do final do século XIX, as publicações tinham por intuito informar e entreter os leitores com imagens do cotidiano, enredos que abordavam condições políticas, sociais e econômicas. Algumas narrativas possuíam um forte teor cômico, por conta desta forma peculiar de narrar, as histórias em quadrinhos no Estados Unidos receberam a alcunha de comics (comédia). O comércio dos quadrinhos crescera nos Estados Unidos, ocorrendo a formação de trustes para a distribuição, as Syndicates, entre as quais temos King

[1] 1 Graduado em História e Pós-Graduado em História Cultural na UEG Campus Nordeste: Sede Formosa. Mestrando no Programa de Pós-Graduação História na UEG Campus Sul: Sede Morrinhos.

Features e United Features. Estas empresas produziam as comics strips (tiras de quadrinhos), vendiam tanto para os jornais estadunidenses, quanto para outros países. A principal característica das tiras era a apresentação da história em um número reduzido de quadros, de três a quatro, nos quais se contava uma parte do enredo, algumas vezes, fazendo ligação entre as edições que tinham saído na edição anterior ou que sairiam no dia seguinte. Esta facilidade de adaptação as realidades locais e o alcance em todas as partes do globo, apresentando um novo estilo de vida agradável a todos, o "american way of life" (estilo de vida americana), reforçado no cinema e nas músicas nas décadas do século que se iniciava. O colonialismo político, eliminava a liberdade das nações não se encerrou com as independências, como afirma Santos e Meneses (2009, p. 12), "o colonialismo continuou sobre a forma de colonialidade de poder e de saber". As ideias e práticas sociais das grandes mídias, produziam uma dominação silenciosa e afetava dois grupos sociais distintos, os que conheciam e dominavam os códigos de escrita e leitura e os que não dominavam os códigos. Ao primeiro grupo, os textos associados a imagem, concediam o entendimento das narrativas dos quadrinhos, ao segundo grupo, que não conseguiam decodificar os signos escritos, apreciava apenas as imagens. As narrativas passavam um universo idílico grandioso, cercado de aventuras e conquistas e desta forma, a cultura estadunidense se apresentava como um modelo a ser seguido.

Personagens tendo suas aventuras no espaço, ou no cotidiano, além dos aventureiros em locais fantasiosos invadiram os suplementos dominicais, unidos ao cômico, citemos dois personagens presentes em vários suplementos dominicais: Buck Rogers e Tarzan. O primeiro, escrito por Philip Nowlan e desenhado por Dick Calkins, tinha suas aventuras no espaço, entrando em contato com mundos e civilizações alienígenas, encantando seus leitores ao usar armas fantásticas em locais espaciais. Em sentido inverso, o segundo foi uma criação de Edgar Rice Burroughs em 1912 para os livros pulps e posteriormente convertido para as HQ, desenhado por Hal Foster, suas aventuras se passavam nas selvas africanas, onde enfrentava animais selvagens, malfeitores ardilosos e salvava as tribos locais. Com a lei seca e a violência crescente das gangues nas cidades estadunidenses, os comics, começam a adotar uma áurea de sordidez e decadência, com desenhos rudes e violentos. Entre os personagens da época, citamos Dick Tracy (criado por Chester Gould), influenciado pelo combate ao gangsterismo. Estas

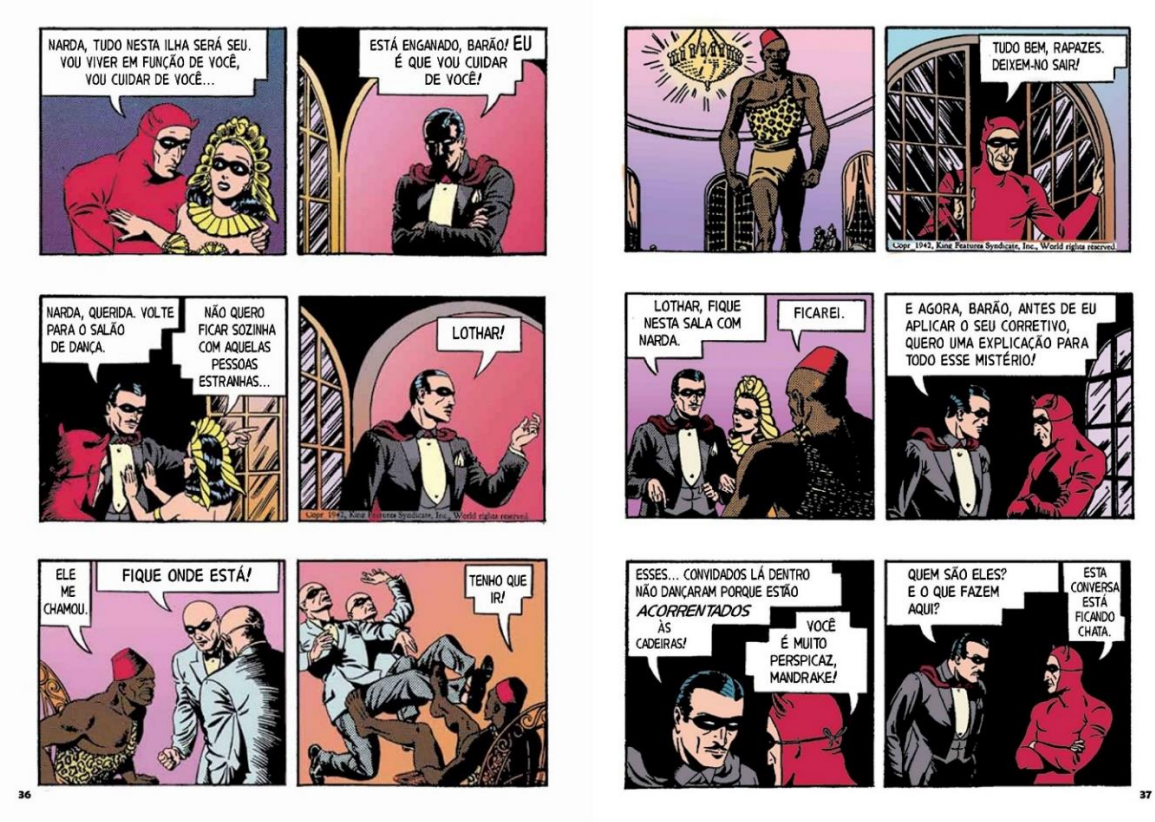
aventuras eram vendidas aos jornais mundo afora, e neste sentido havia a valorização da cultura estadunidense em terras distantes. Estas narrativas, mantinham o que Wash aborda acerca da "operação do multiculturalismo neoliberal e uma interculturalidade de corte funcional como dispositivos de poder que permitem a permanência e o fortalecimento das estruturas sócias estabelecidas e sua matriz colonial" (2009, p. 13). Mesmo não tendo colonizado nenhum país no sentido tradicional, os Estados Unidos levaram sua cultura a outros países, perfazendo uma colonização moderna

As tiras diárias de Mandrake, o mágico, estrearam nos jornais norte-americanos em 11 de junho de 1934, licenciado pela King Features Syndicate, criado por Lee Falk e Phil Davis, um sucesso imediato. As histórias agradavam ao público, e sua procura era alta, o que obrigava os leitores a comprarem o jornal para acompanhar a trama antes que acabasse, sendo que algumas aventuras chegavam a ganhar meses de publicação. A grande maioria das aventuras se passavam dentro dos Estados Unidos, em uma cidade ficcional criada pelos autores, porém os personagens poderiam visitar outros países geralmente da Ásia oriental ou da África. Nestes casos o conhecimento acerca do outro era limitado e muitas vezes distantes da realidade local das populações. A vestimenta dos personagens chama atenção, em especial a do mago, que fazia sempre o uso de uma cartola e fraque, enquanto seu ajudante Lothar fazia uso de uma pele de leopardo que lhe cobria parte do tronco, tendo um short apertado e um tarbush, típico chapéu turco, o que nos leva a questionar de qual local da África vem o príncipe.

Um questionamento às vezes levantado e pouco explicado é sobre Lothar ter trocado seus afazeres reais para se tornar um mero auxiliar do místico ocidental. Apesar de falar da colonização europeia na América, Quijano (apud WASH, 2009, p. 14) pode ser posta neste contexto ao afirmar que "as novas identidades históricas produzidas sobre a base de ideias de raça foram associadas à natureza dos papeis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho". Nesta condição colonial, o branco, mesmo sendo plebeu, se torna mais importante, socialmente, ao ponto de o líder local deixar seu povo e se tornar um mero serviçal. Lothar, nos primeiros anos, falava um inglês resumido e pouco fluente, o que se pode notar nas histórias traduzidas no Brasil. Sua participação, em alguns casos, se resumia em ações que pediam sua força física. Seu conhecimento em administração, visto que era um monarca, ou em assuntos

espirituais, muitas vezes inexistia. As *comics strips* (posteriormente elas eram reunidas em uma revista) de Mandrake vendiam bem e as condições estruturadas não mudaram por anos de publicação, até a chegada das lutas sociais por igualdade nos Estados Unidos, durante os anos de 1960, onde Lothar conquistou uma linguagem mais fluida.

Imagem 1 – Mandrake



Mandrake, Narda e Lothar enfrentam o diabólico barão Kord, um tirano que mantém um exército de mortos-vivos em sua ilha particular: os Kordies.

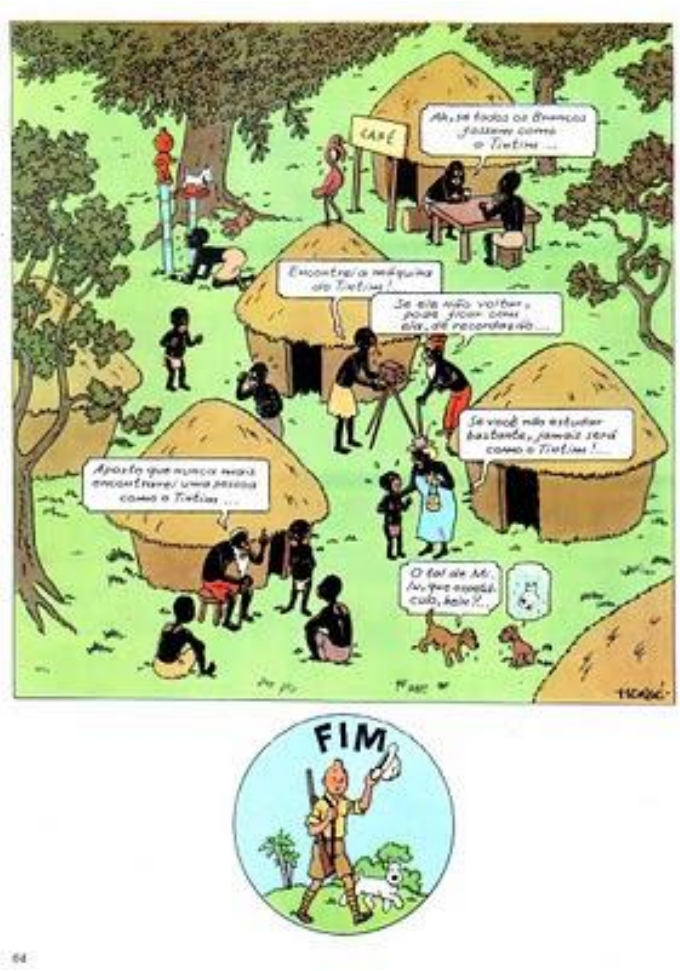
Na Europa, as histórias em quadrinhos ganharam também as páginas dos jornais para posteriormente ganharem suas próprias revistas. A série de maior sucesso foi as aventuras de Tintim, criada pelo autor belga Georges Prosper Remi, mais conhecido como Hergé, em 1929. A série começou a ser publicada no suplemento belga *Le Petit Vingtième*, do jornal *Le Vingtième Siècle*, dirigido pelo abade Norbert Wallez. Ao lado do jovem repórter belga, temos um fox-

terrier chamado Milu (em francês, Milou), que o acompanha em suas aventuras. Ente 1931 e 1932, o jovem Tintim e seu cão Milu se aventuravam em uma história com um forte teor colonialista. A partilha da África, ocorrida na Conferência de Berlim entre 15 de novembro de 1884 a 26 de novembro de 1885, ocorreu mediante uma série de tratados, acordos e convenções análogos entre as nações europeias sem a participação das populações africanas. A região do Congo ficou inicialmente como uma região independente, conhecida como Estado Livre do Congo, uma propriedade particular do rei dos belgas, na época comanda por Leopoldo II. Em 1908, após a denúncia dos britânicos contra as explorações do governo de Leopoldo II sobre a população local, o parlamento belga retira o poder do rei e inicia o processo de colonização efetiva da região, sobre o nome de Congo Belga.

Em Tintim no Congo, no Brasil de Tintim na África, temos o repórter e seu fiel cão indo para a colônia belga. O cerne da aventura é a posição sempre superior do personagem diante dos perigos que enfrenta, seja contrabandistas de pedras preciosas, seja bandidos tribais ou mesmo animais selvagens. Em nenhum momento são abordadas as lutas por resistência contra o colonialismo que movimentavam a região: os líderes religiosos, tidos como profetas, desempenhavam um papel fundamental em aliviar as dores dos sofrimentos trazidos pelos colonizadores, reforçando a crença em deuses e no auxílio divino, ou mesmo com as igrejas cristãs independentes que lutavam contra a dominação das igrejas missionárias, que atuavam em consonância com o poder político - belga; associação de jovens, comerciais, agricultores e empresários, alguns obtendo um pequeno sucesso em suas atividade de conscientizar as populações contra os ideários da colonização. Para Quijano (2009, p. 99) a condição de dominação é uma condição de superioridade, “A Europa é civilizada. A Não-Europa é primitiva. O sujeito racional é europeu. A Não-Europa é objeto de conhecimento”. O que temos é uma região selvagem, de base econômica agrícola e divididas em tribos bárbaras, com áreas de caças liberadas, ao qual Tintim também atua como o grande caçador branco. Pouco é abordado da religiosidade na região, e quando o é, Tintim se torna um líder religioso, não graças aos seus conhecimentos místicos, mas sim ao seu domínio da tecnologia, algo que, para Hergé, as populações não conheciam o gramofone ou as projeções de imagens.

Segundo o autor, a criação da obra ficou centrada em clichês e estereótipos que lhe falaram da população e do país como um todo. Sousa Santos e Meneses (2009, p. 10) explicam: "a epistemologia dominante é, de facto uma epistemologia contextual que assenta numa dupla diferença: a diferença cultural do mundo moderno cristão ocidental e a diferença política do colonialismo e capitalismo". O fardo do homem branco é posto em todos os momentos da obra, onde Tintim, que pouco conhece do local resolve todos os problemas, enquanto a população local o admira como um ser divino e iluminado, assim com seu cão é observado pelos cachorros africanos, tudo que vem da metrópole deve ser enaltecido, a definição de esclarece o que temos, um "epistemicídio, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena" (SOUSA SANTOS E MENESES, 2009, p. 10).

Imagem 2 – Última página de Tintim no Congo



Cena final de Tintim no Congo. Todos os personagens falam das maravilhas que o belga trouxe para a vila. Os cães comentam sobre Milu

Nas duas obras temos a figura central do branco em superioridade ao negro. Ao pensar na forma em que as histórias em quadrinhos olham para o continente africano, temos a visão do homem comum, que não estudou os povos para falar sobre eles, apenas retratou, ao que parece o que outros lhe falavam. Mas longe da Bélgica de Hergé, ou dos Estados Unidos de Foster, a África sofreu as máculas da colonização europeia, que sangrou o território em dois momentos distintos: entre os séculos XV e XIX, com a retirada de milhões de almas escravizadas em direção à América; e entre XIX e XX com a colonização propriamente dita por potencias europeias preocupadas em espoliar o continente. O Congo que Tintim conheceu não passa de remendos e ideários cercados de preconceitos que chegaram ao ouvido do autor, de

uma região que existia apenas em lendas europeias, e por outro lado, Lothar era apenas o clichê conhecia do negro "incauto" e subserviente do homem civilizado.

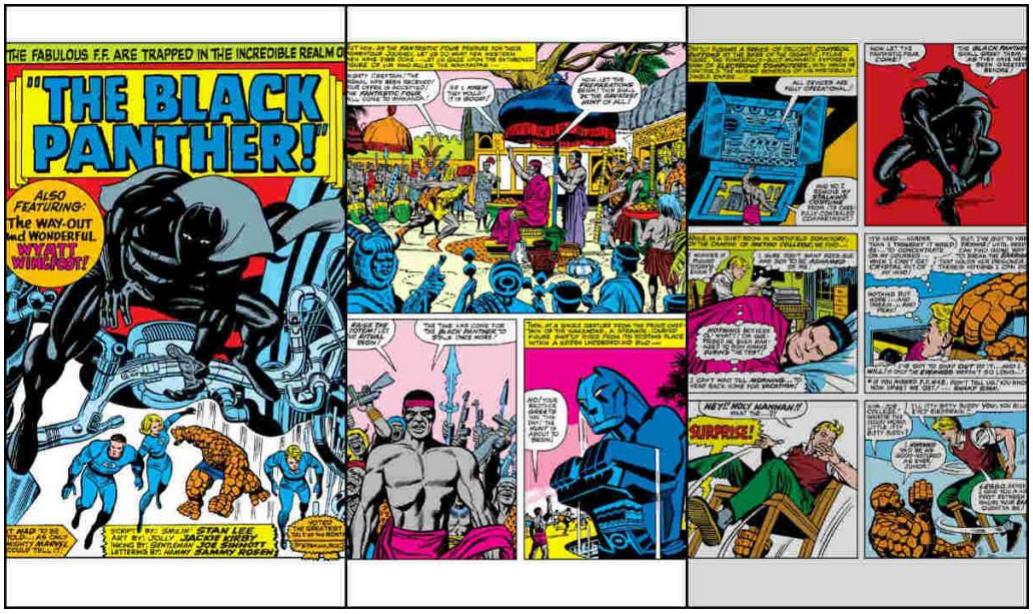
O maravilhoso rei africano da *Marvel Comics*

Em 1966, na revista *Fantastic Four #52*, aparece um super-heróis trajando negro, que atendia pela alcunha de *Black Panther* (Pantera Negra no Brasil), cuja a identidade secreta era do jovem africano T'Challa, príncipe de Wakanda, reino fictício na África, possuidor de vibranium, um metal raro e extremamente poderoso. A história foi criada por Stan Lee e Jack Kirby em 1966. T'Challa teve seu pai assassinado e o trono foi usurpado por seu tio. Com o intuito de recuperar o trono que lhe foi negado, o jovem estudou na Europa e nos Estados Unidos, formando-se em física. Ao retornar ao seu reino, o jovem venceu os desafios para se tornar rei de seu povo, eliminando lutas tribais e divergências étnicas. Porém o rei se divide entre suas funções reais e a luta em terras estadunidenses, ao lado de seus aliados: Vingadores e do Quarteto Fantástico. As histórias do Pantera Negra se passam tanto em Wakanda quanto nos Estados Unidos, para ser mais preciso Nova York. Todavia, a seguir, analisaremos até que ponto o personagem se encontra dominado pelo conceito de colonização e dominação da cultura branca sobre a africana.

Comecemos pelo ideário do jovem T'Challa, levado a deixar o conhecimento de seu povo e ir adquirir uma sabedoria superior, para Howe (2013, p. 94), o futuro rei "não era um nobre selvagem do continente negro, mas um gênio da ciência", sendo que os criadores, e mais possivelmente Jack Kirby, o passado primordial deveria se unir a ciência, para que assim o herói pudesse vencer seus inimigos e passar nos testes para ser rei. Os ensinamentos em sua própria terra não eram o suficiente para enfrentar os desafios do ritual real, deveria aprimorar com conhecimentos teóricos e distantes de sua realidade africana, salientando ainda que o jovem não se formou em áreas das ciências humanas, mas sim em disciplina exata, no caso física. Assim como Lothar, auxiliar do mágico Mandrake, o rei T'Challa deixa seu reino para se unir a um grupo de super-heróis, não como ajudante, mas também não teria o lugar de líder do grupo, e sim como mais um integrante que deveria receber ordens. Possivelmente o diferencial entre os

personagens seria a preocupação com seu povo, retornando de tempos em tempos para resolver problemas locais. Citado acima, o vibranium serve as nações europeias e aos Estados Unidos para melhorar seu poder bélico, Wakanda então seria o que a África representa ao comercio mundial, seu rico solo concede aos conquistadores matéria-prima para reforçar e aumentar suas finanças.

Imagem 3 – Pantera Negra



Quarteto Fantástico #52: (1) primeira aparição interna do Pantera Negra; (2) primeira aparição de T'Challa sem o uniforme; (3) primeira aparição do Pantera uniformizado dentro da narrativa.

Hall ao abordar o momento da cultura negra nos fala que "esses momentos são sempre conjecturais. Eles têm sua especificidade histórica; e embora sempre exibam semelhanças e continuidades com outros momentos eles nunca são o mesmo momento" (2006, p. 317). Esta fala de momento é irrepetível, "uma obra de arte não é igual a outra, por mais que guardem ambas características comuns de forma ou significado" (BOSI, 2006, p. 322). O momento de criação do Pantera é único e singular, alguns pontos poderiam ser diferentes, mas seu nascimento não poderia ocorrer em outro momento, dentro dos Estados Unidos da América. A luta por direitos civis; as marchas e o discurso do Reverendo Martin Luther King; o nascimento

dos Panteras negras; o fortalecimento de organizações que lutavam pelos direitos dos negros, como SNCC (Studant Nonviolent Coordinating Commitee) e NAAP (National Association for the Advancement of Colored People). O momento era único para o surgimento de um super-herói negro. Mas as lutas não se centravam apenas nos Estados Unidos, o que as aventuras do Pantera Negra não relatam em maior tom são as constantes lutas por independência no continente africano. Seu reino vive em paz, pois pelo que podemos observar, não conheceu a colonização europeia, sendo mantido distante, escondido de todos, não tendo que lutar por sua independência e, por conseguinte, as lutas tribais por posição, poder e retaliação contra as minorias adversárias.

Lutando contra os três “C”

O que a maioria das pessoas conhecem da África? Fome. Guerras. Animais. Com certeza estas serão as respostas mais ouvidas. O que estas pessoas conhecem da Costa do Marfim? Possivelmente muito menos. A Costa do Marfim está na região concedida a França, durante a divisão da África na Conferência de Berlim, sendo que a área dominada recebeu o nome de África Ocidental Francesa, uma federação que compunha os territórios da Mauritânia, Senegal, Sudão Francês (atual Mali), Guiné, Níger, Alto Volta (atual Burkina Faso) e Daomé (atual Benim).

Ao observarmos a comunidade de Aya, podemos notar alguns pontos que reforçam o colonialismo francês sobre a população, sendo a religiosidade local um deles, que foi suprimida em elevação da religiosidade cristã, como afirma Wash (2009, p. 15) ao falar sobre a colonização europeia no continente latino-americano, podemos analisar também o continente africano “Assim, pretende anular as cosmovisões, filosofias, religiosidades, princípios e sistemas de vida, ou seja, a continuidade civilizatória das comunidades indígenas e a da diáspora africana”. Esta eliminação ocorreu de forma direta, não podemos culpar Marguerite Abouet por suas colocações, o que ela está a fazer é retratar sua comunidade, o que sem notar, acredito, aborda de forma silenciosa a perda de alguns elementos primitivos de sua comunidade, o que Mignolo (2008, p. 291) considera fundamental “uma das realizações da razão imperial foi a de

afirmar-se como uma identidade superior ao construir constructos inferiores (raciais, nacionais religiosos, sexuais, de gênero), digamos, epistemologia". Esta superioridade pode ser notada na população, quando se encontra alguém que foi para a França e retornou, se o indivíduo foi a Paris, ganha status de nobre, mesmo que tenha ido para realizar trabalhos subalternos, o sair da África é um ponto fundamental para o crescimento individual do ser na comunidade, o que foi a França e retornou se torna especial, diferenciado, superior.

Imagem 4 – Aya de Yopougon

Personagens principais do Volume 1 de Aya: Moussa, Adjoua, Aya, Bintou e Mamadou

Então o que teria esta África pós-colonial de tão diferente de outras produções sobre a África? Talvez não muito, mas a obra não aborda o africano, de uma região colonizada como um ser que mal sabe falar; o branco colonizador é um ser distante; as mulheres são representadas com sua sensualidade ou a falta dela, não segundo sua condição mocinha/vilã, mas segundo sua natureza, neste ponto as amigas de Aya, Bintou e Adjoua são adolescentes comuns, com sonhos semelhantes, diferente da nossa protagonista que busca uma realização, um crescimento intelectual, procurando não se limitar a sua condição, ela pretende fugir da sina de muitas moças de sua região, o que ficou conhecido como os três "C": Cabelo, Costura e Caça ao marido; as práticas sociais/culturais são retratadas de forma clara e não estereotipada. Finalmente uma

região africana não é retratada de forma pejorativa, mas sim como ela. Em 2013, as aventuras de Aya e companhia ganharam uma versão animada, escrita pela autora. Avançar nos conceitos da interculturalidade envolve a possibilidade da construção do outro perante si próprio, para Wash (2009, p. 23) "Entender a interculturalidade como processo e projeto dirigido à construção de modos 'outro' do poder, saber, ser e viver permite ir muito além dos pressupostos e manifestações atuais de educação intercultural bilíngue ou da filosofia intercultural". Deixar o outro falar sua vivência, expor sua filosofia e estrutura são condições necessárias ao entendimento do todo, não precisando de um tradutor da cultura local, como se não tivesse condições de falar por si próprio.

Conhecendo o outro

O longo caminho da colonização marcou profundamente com ferro e fogo os corpos de homens e mulheres, uma herança silenciosa nos herdeiros colonizados, mas que não devem ser apagadas ou esquecidas, mas sim aprendidas e usadas de forma a ensinar as populações vindouras a reagir. Ao longo dos anos a forma como foi vista a cultura africana nos quadrinhos se distanciou da visão preconceituosa do início da era dos quadrinhos e ganhou novos ares, novas formas de se expressar. Hountondji (2009, p. 121), ao longo do seu estudo sobre a filosofia africana observou que "os autores partiam do princípio de que os africanos não tinham consciência da sua própria filosofia e que apenas os analistas ocidentais, que os observam a partir do exterior, poderiam traçar um quadro sistemático da sua sabedoria". Podemos afirmar que esta colocação não se referente apenas a filosofia, mas perante as obras midiáticas, ao qual o africano não conseguia falar de si. A mudança de pensamento vem ganhando campo e novos terrenos.

As histórias em quadrinhos, assim como toda cultura de massa, precisam se adaptar as mudanças que o público sofre, por este motivo, ao analisar as representações que temos da África, notamos esta mudança ou alternância de olhar. As obras são temporais e alocadas a sua época, ganhando importância com os anos vindouros. As histórias em quadrinhos, em seu início eram destinados a todas as faixas etárias, porém, com o passar dos anos foram condicionadas

apenas a público ao infanto-juvenil, principalmente no Brasil, mas a narrativa ganhou força e quebrou fronteiras, obtendo reconhecimento como arte sequencial, termo criado pelo artista Will Eisner. As histórias deixaram o teor ingênuo e infantil, com autores elevando o nível das discussões e oferecendo a possibilidade de se abordar temas adultos e complexos.

A África não pode mais ser olhada de qualquer forma ou envolta em preconceitos presos ao colonialismo reinante de séculos passados. O outro deve falar por si e não precisar de que um alienígena relate suas experiências. A formação de cada grupo não pode ser posta de forma inferior ou superior a outro grupo, mas sim em consonância, uma união de epistemologias.

Referências

ABOUET, Marguerite. OUBRERIE, Clément. Aya de Yopougon. São Paulo: L&PM Editores, 2009.

BOSI, Alfredo. "Caminhos entre a literatura e a história". Estud. av., São Paulo, v. 19, n. 55, 2005.

CIRNE, Moacy. Quadrinhos, Sedução e Paixão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

COCKRUN, Dave. OLIVER-WEIN, Glynis. Coleção histórica Marvel: Os X-Men, nº 2. São Paulo: Panini, 2014.

CUNHA, Jaqueline dos Santos. A representação feminina em Mulher Pantera e Mulher Maravilha [manuscrito] / Jaqueline dos Santos Cunha. Catalão, 2016.

EISNER, Will. Narrativas Gráficas. São Paulo: Devir Livraria, 2005.

DAVIS, Phil & Falk, Lee. Mandrake – O Barão Kord: A ilha dos mortos-vivos. Pixel, 2014.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HERGE. As aventuras de Tintim: Tintim no Congo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HOWE, Sean. Marvel Comics: A história secreta. São Paulo: LeYa, 2013.

HUDLIN, Reginald. ROMITA JR, John. Coleção oficial de graphic novels Marvel, nº 38: Pantera Negra – Quem é o Pantera Negra. São Paulo: Salvat, 2014.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX / coordenação de Valter Roberto e autoria de Maria Corina Rocha e Muryatan Santana Barbosa. Brasília: Unesco, MEC, UFSCar, 2013.

MARÍN, José. Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização. In: Visão Global, Joaçaba, v. 12, n. 2, 2009

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidades em política. In Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, 2008.

MOYA, Álvaro de. Shazam! São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

NOGUEIRA, Natania A. S. Jackie Ormes: a ousadia e o talento da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos (1937-1954). In: Identidade! São Leopoldo: v.18 n. 1. 2013

SAID, Edward W. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companha das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. & Meneses, Maria Paula. (Org.) Epistemologias do Sul. Coimbra. Edições Almeida AS, 2009.

SIEGEL, Jerry. SHUSTER, Joe. Superman crônicas nº 1. São Paulo: Panini, 2007.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. Mulher ao quadrado: As representações femininas nos quadrinhos Norte-Americanos: Permanências e ressonâncias (1895-1990). Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

WASH, Catherine. Interculturalidade critica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CADAU, Vera Maria (org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

Sites

Jackie Ormes http://www.jackieormes.com/tbdh.php - visitado em 05 de julho de 2017.

Plano Critico http://www.planocritico.com/critica-quarteto-fantastico-52-53-e-56-primeira-aparicao-pantera-negra-ulysses-klaw-e-garra-sonica/ - visitado em 10 de julho de 2017.

http://xroads.virginia.edu/~ma04/wood/ykid/imagehtml/orangecoat.htm - visitado em 01 de julho de 2017.

http://www.universohq.com/noticias/estreou-na-franca-a-animacao-aya-de-yopougon/ visitado em 14 de julho de 2017